

BACHELARD: A NOÇÃO DE IMAGINAÇÃO

BACHELARD: LA NOTION D'IMAGINATION

Marly BULCÃO
UERJ

RESUMO

Trata-se de analisar a noção de imaginação na poética de Bachelard a fim de ressaltar seu aspecto de originalidade. Para tal o artigo discute a diferença fundamental entre imaginação formal e imaginação material, retomando a crítica bachelardiana ao ocularismo implícita na obra do filósofo francês.

Palavras-chave: imaginação, estética, Bachelard.

RESUMÉ

Il s'agit d'analyser la notion d'imagination dans la poétique de Gaston Bachelard a fin de montrer son aspect d'originalité. Pour ce faire l'article discute la différence fondamentale entre imagination matériel et imagination formel, en reprenant la critique bachelardienne du l'ocularisme qui est implicite dans l'oeuvre du philosophe français.

Mots-clé: imagination, esthétique, Bachelard.

Gostaria de começar retomando dois mitos gregos que podem, a nosso ver, ajudar para a compreensão da noção de imaginação em Gaston Bachelard. São eles os mitos de Sísifo e o de Prometeu.

Sísifo foi condenado a conduzir uma enorme pedra ao pico de uma montanha. Ao chegar no alto, a pedra rolava lá de cima, descendo pela encosta e este era, então, obrigado a repetir a proeza incessante e inescrutavelmente.

O segundo mito conta a história de Prometeu, herói grego que, tendo subido ao Monte Olimpo, a morada dos deuses, cometeu o ato bastante ousado

de furtar o fogo divino com o intuito de trazê-lo para o mundo dos mortais.

Os dois mitos expressam a ambigüidade da vida humana. De um lado, está o mito de Sísifo simbolizando a monotonia da vida cotidiana, sempre repleta de tarefas e afazeres excessivamente repetitivos. De outro, está o mito de Prometeu que, ao contrário, expressa o elã da aventura, da busca do extraordinário e do inusitado, através do qual, o homem rompe com o tédio da vida cotidiana.

Não foi por acaso que retomei os dois mitos gregos, mas sim com o intuito de mostrar que a imaginação, para Bachelard, é um caminho através

do qual o homem consegue se desprender da vida cotidiana e se lançar numa aventura em direção ao novo, ao imprevisto, ao surreal, permitindo, assim que o homem se eleve espiritualmente. A imaginação impõe-se, portanto, como um caminho de *sobrehumanidade*. Com o propósito de reiterar que razão e imaginação são verdadeiros caminhos de *sobrehumanidade*, Bachelard retoma a imagem simbólica de Prometeu, afirmando em sua obra póstuma *Fragments d'une poétique du feu*:

*Para se beneficiar do dinamismo psicológico da imagem de Prometeu, deve-se tomá-lo como o ser que corresponde à necessidade de mais-ser. Prometeu é, assim, um mais que homem.*¹

A obra de Bachelard se bifurca em duas vertentes que embora sejam inversas, são, por outro lado, complementares. De um lado, o filósofo segue a vertente da epistemologia na qual procura mostrar a novidade que caracteriza a ciência contemporânea; de outro se dedica à vertente poética, inaugurando, através desta uma nova concepção de imaginação. Alguns colegas ou estudantes perguntavam ao mestre se essa bipolaridade não poderia tornar sua obra contraditória e comprometer, assim, a unidade do seu pensamento. Bachelard respondia, então, com o sarcasmo e o humor que eram características marcantes no filósofo.

*Quando passei da prática e do ensino das ciências à filosofia, não me senti tão plenamente feliz quanto havia esperado. Procurei, em vão a razão da minha insatisfação até o dia em que, no ambiente familiar dos trabalhos práticos na Faculdade de Dijon, ouvi um estudante falar de meu universo pasteurizado. Isso foi uma iluminação para mim; era isso; nenhum homem poderia ser feliz num mundo esterilizado. Era preciso urgentemente que eu fizesse pulular e formigar nele os micróbios para lhe restabelecer a vida. Corri, então, para os poetas e ingressei na escola da imaginação.*²

Como nosso propósito aqui é apresentar a noção bachelardiana de imaginação vamos nos

deter na vertente poética, embora, para falarmos de imaginação e de imagem em Bachelard tenhamos que partir de uma obra epistemológica publicada em 1938 e que se denomina *La formation de l'esprit scientifique*. Nesta obra, Bachelard mostra que a ciência é um campo minado e, nesse sentido, precisa extirpar os obstáculos epistemológicos que, penetrando no interior do saber científico, comprometem sua objetividade. Apontando, então, as imagens e a imaginação como perniciosas à racionalidade da ciência, lança seu brado de guerra, afirmando: *O espírito científico deve lutar incessantemente contra as imagens, as analogias, contra as metáforas.*³

No mesmo ano, entretanto, Bachelard começa a reconhecer a força de sedução das imagens e da imaginação e aceita o convite de um jovem poeta Jean Lescure para escrever um artigo sobre poesia. Com este artigo belíssimo que se denomina *Instant poétique, instant métaphisique*, Bachelard, amante das artes, da poesia e da imaginação começa seu itinerário pelo mundo encantado do devaneio e do sonho.

Vamos, pois, nos voltar para a vertente poética de Bachelard com o intuito de compreender melhor em que consiste a concepção bachelardiana de imaginação.

Para a tradição de índole cartesiana, a imaginação era considerada como fundamentalmente reprodutora, ou seja, a imaginação tinha por função formar imagens que se impunham como cópias do real anteriormente percebido. Nesse sentido, a faculdade de imaginar era considerada subalterna, não só em relação à percepção, como, também, em relação à inteligência. A percepção, por seu lado, permitia apreender, através dos sentidos, com toda a força impactante da presença, o real que estava diante de nós; a inteligência, por outro lado, conseguia revelar, através dos conceitos, a verdadeira faceta do mundo. Isso nos leva a concluir que, segundo a tradição, a imagem resultante da faculdade de imaginar era sempre algo inferior em termos do conhecimento do real.

Bachelard inaugura uma perspectiva original ao procurar estudar a imagem a partir de um

⁽¹⁾ BACHELARD, G. *Fragments d'une poétique du feu*, Paris, PUF, 1988, p. 125/126.

⁽²⁾ QUILLET, P. Bachelard, Paris, Éditions Seghers, p. 21.

⁽³⁾ BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*, Paris PUF, p. 38.

enfoque estético. Para ele, a imagem não deve ser apreendida, como uma construção subjetiva sensório-intelectual, nem como uma representação mental fantasmática, mas sim como um acontecimento objetivo integrante de uma imagética, como evento de linguagem.

Dois exemplos vão tornar mais clara a perspectiva bachelardiana sobre a concepção de imaginação. Vamos, em primeiro lugar retomar o livro de Sartre: *L'Imagination*. Este livro começa com a seguinte frase “*Olho esta folha branca de papel que está diante de mim*”, em seguida Sartre continua seu raciocínio dizendo que após fechar os olhos a imagem da folha permanece em nossa memória. Apesar do intuito sartriano de fazer uma crítica à concepção de imaginação imposta pela tradição, Sartre cai, segundo Bachelard, no mesmo engodo e acaba por transformar a imagem num simples substituto do objeto percebido. Vamos, então, para o segundo exemplo, lembrando um quadro de Dalí que é a representação pela arte da pintura de um relógio. O relógio pintado por Dalí não é de forma alguma, o relógio que apreendemos pelos sentidos, é, na verdade, o resultado da coragem e ousadia, que caracterizam o artista, levando-o a assumir a luxúria fecundante e inovadora do devaneio, de um devaneio que é resultado de uma imaginação eminentemente criadora, de uma imaginação que, se libertando dos sentidos, deixa de ser simplesmente memória, de uma imaginação que inventa um mundo novo. Esta imaginação imaginante, ilustrada por Dalí e que está presente no surrealismo, é fundamentalmente libertadora e autônoma. Ao definir imaginação em *L'eau et les rêves*, Bachelard mostra muito bem o sentido libertador desta que através das imagens cria um mundo novo e surreal: Vejamos:

*A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.*⁴

Para concluir nossa exposição, vamos retomar uma distinção feita por Bachelard em sua obra e que consideramos fundamental para a compreensão da noção bachelardiana de imaginação. Conforme mostra Bachelard há dois tipos

de imaginação: a imaginação formal e a imaginação material. A imaginação formal é fundamentada no olhar e, nesse sentido, é uma imaginação ociosa que resulta da contemplação passiva do mundo. Através da imaginação formal o homem se distancia do mundo, contemplando-o como espetáculo. A imaginação material, ao contrário, recupera o mundo como concretude, pois resulta do enfrentamento do homem com a resistência material das coisas que o cercam. Bachelard exalta ao longo de sua obra a imaginação material, uma imaginação que nasce de um convite à profundidade, à penetração, de um convite à ação transformadora do mundo, ao trabalho feliz porque criador.

Pode-se perceber que por detrás da distinção entre imaginação formal e imaginação material, a crítica de Bachelard à tradição científico-filosófica que tem como fundamento principal a *ocularidade*. Esta crítica, presente em toda a obra do autor mostra que a ciência e a filosofia ocidental, marcadas pelo *vício da ocularidade*, pressupõem a hegemonia da visão em detrimento dos demais sentidos. Nesse sentido, exaltam a contemplação ociosa do olhar. O filósofo e cientista “voyeur” ao estimular a apreensão do mundo como espetáculo, desvalorizou o trabalho, renegou a matéria, desprezou o corpo.

Profundamente significativa é a distância que separa Bachelard da tradição em relação à concepção de imaginação. A imaginação bachelardiana, fundamentalmente criadora é uma imaginação dinâmica que resulta do embate de forças, de um corpo a corpo com o mundo; é uma imaginação que tem origem na “mão feliz” que aceita a provocação de um mundo resistente.

O trabalhador-artista, possuidor de um onirismo ativo vê no contato corporal com o mundo a fonte inesgotável de devaneios intensos que se multiplicam numa proliferação ininterrupta de imagens materiais. O artista retorna à infância, pois a criança é um materialista nato. O artista da matéria e do corpo resgata, assim, a legitimidade do devaneio e o direito de sonhar.

Para finalizar nosso artigo, escolhemos, um texto do próprio Bachelard que exalta a imaginação demiúrgica, cuja força de liberdade e criação

⁽⁴⁾ BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*, Paris, J. Corti, p.16

somente o artista, seja ele o escultor, o pintor ou o poeta, pode compreender em toda sua profundidade. Em sua obra *L'eau et les rêves*, Bachelard nos diz:

A mão ociosa e acariciante que percorre as linhas bem feitas, que inspeciona um trabalho concluído, pode se encantar com uma geometria fácil. Ela conduz à filosofia de um filósofo que vê o trabalhador

trabalhar. No reino da estética, essa visualização do trabalho conduz naturalmente à supremacia da imaginação formal. Ao contrário, a mão trabalhadora e imperiosa aprende a dinamogenia essencial do real, ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde.⁵

⁽⁵⁾ BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*, Paris J. Corti, p. 19.